EXPRESSÃO IDIOMÁTICA E CULTURA: UM ESTUDO SOBRE ASPECTOS CULTURAIS NA LÍNGUA GUINEENSE E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Sarta Turé¹

Gislene Lima Carvalho²

Resumo:

A presente pesquisa tem por objetivo analisar aspectos culturais e semânticos que caracterizam as expressões idiomáticas nas línguas Guineense e português Brasileiro. Para tal propósito, elegemos 12 expressões que apresentam significados semelhantes nas duas línguas e procedemos a uma análise dos aspectos citados. Como embasamento teórico, foram considerados autores que abordam as expressões idiomáticas, como Cá (2017), Carvalho (2016), Alvarez (2007), Cunha (2012) e autores que abordam a cultura, como Geertz (2008), Laraia (2001) e Hampaté Bâ (2010), para orientar a discussão da temática. Os resultados de análise apontam que, embora as expressões idiomáticas (EIs) analisadas sejam equivalentes em seu valor semântico, apresentam possíveis variações na escrita, nos elementos das suas composições e na escolha de como estas expressões podem ser minimamente modificadas. Assim, conclui-se que a compreensão do significado das expressões idiomáticas depende do conhecimento que se tem da língua e da cultura na qual elas estão inseridas, pois tais expressões estão relacionadas a fatores históricos e sociais e, por isso, algumas só fazem sentido dentro do seu contexto ou na comunidade linguística onde é utilizada.

Palavras-chaves: Expressões Idiomáticas; Cultura; Língua Guineense; Português Brasileiro.

Abstract:

This research aims to analyze culture and semantic aspects that characterize idiomatic expressions in Guinean languages and Brazilian Portuguese. For that purpose, we chose twelve idioms, that have the same meaning in both of languages and we proceeded to analyze some aspects as theoretical basis authors who address idiomatic expressions such as: Cá (2017), Carvalho (2016), Alvarez (2017), Cunha (2012) and authors who address a culture, such as GEERTS (2008), Laraia (2001) and Hampaté Bâ (2010) to guide the discussion of the theme the analysis result indicate that although as idioms analyzed equivalent in their semantic value, they present possible variations in their writing, in the element of their compositions and in a choice how these idioms can be minimally modified. thus, concluded that the understanding of the meaning of this idiomatic expression depends on the knowledge one has of the language and the culture in which they are inserted, such as idioms are related to social and historical factors, therefore some of them just make any sense within of context or in a linguistic community where it is used.

Keywords: Idioms, culture, Guinean language, Brazilian Portuguese.

Rezumu:

Nes tarbadju nô sta na busca ntindi alguns aspectus de Kultura ku sintidu de alguns komberças ku ta tchomadu de Expressions, na lingu Guinensi ku Portuguis brasileru. Nes sintidu, nô kudji dozi (12) expressions ku parsi sintidu na es dus (2) lingu, de la no kunsu buska ntindi Cê sintidu. Pa djuda na fassi es tarbadju, no tissi guintis ku papia badja dés, suma Cá (2017), Carvalho (2017), Cunha (2012) tambi ku kilis kuta papia di kultura suma, Geertz (2008), Laraia (2001) ku Hampaté Bâ (2010), pa djudanu tchiga n'tindimentu. Turmanera rusultadu ku tchigadu nés n'pulma n'pulma mostranu kuma es dozi (12) expressions parsi sintidu, e pudi ka parsi na manera di skirbi, na kada palabra di expression ku na manera di kudji palabras pudi sedu n'bokadinhu diferenti. Assim, n'tindimentu de expression ta bai dipindi de kuñhimentu di lingu ku di kultura di nundé ku ita papiadu, pabia expressions tene ligaçon ku storia de sociedadadi, El kumanda, mangadel ta fassi sintido só pa guintis ku ta papial tambi ku na kau ku ita papiadu.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. E-mail: hanasarta@gmail.com

² Docente do Curso Licenciatura de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. E-mail: gislenecarvalho@unilab.eu.br

Palabras tchabes: Expressions idiomáticas; kultura; Língu Guinensi; Portuguiz Brasileru.

1 INTRODUÇÃO

A língua enquanto prática social se atualiza constantemente quando é utilizada pelos falantes em contextos sociais, históricos, políticos e culturais, portanto, ela não pode ser compreendida dissociada desses contextos (CARVALHO, 2016). Com base nisso, qualquer que seja a língua que esteja em uso tem influência cultural da sociedade onde é estabelecida. No que diz respeito a esta relação língua/cultura, escolhemos como objeto para esta pesquisa as expressões idiomáticas. Jorge (2001) afirma que as expressões idiomáticas “(...) descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires... Mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade.” Nesse sentido, tais expressões demonstram como a junção de língua e cultura se estabelece na linguagem.

Na Guiné-Bissau o português é tido como língua oficial, é usado na legislação e no sector administrativo do país. Mesmo sendo língua oficial e do ensino, “mesmo ele tendo passado por transformações e incorporado elementos das línguas nativas e dos impérios anteriores”, sua presença é pouco notável com relação à língua nacional (Guineense) e às línguas étnicas, pois a maior parte da população guineense não utiliza a língua portuguesa no seu cotidiano.

Embora o guineense não seja a língua ensinada nas escolas³, nesta língua podemos perceber influências culturais através das manifestações ou expressões que são aplicadas no cotidiano dos guineenses. Para os falantes da língua Guineense, as expressões idiomáticas, doravante EIs, representam uma carga cultural significativo para o povo guineense e podem ser vistas como passagem de experiência de vida de uma geração para com outra, com pensamento de guiar e aconselhar em situação presente na vivência do dia a dia do povo guineense. Como exemplo, temos a seguinte expressão:

Expressão idiomática: Na laba mon n'saí

Tradução literal: Lavar as mãos e sair

No Brasil: Lavar as mãos

³ Embora as línguas étnicas não sejam oficiais, nas práticas de ensino de cada região que compõe o país, essas línguas são utilizadas nas escolas. por exemplo: Na região de Gabu a língua Fula é utilizado no ensino uma vez que é uma das línguas mais falada por um número significativo da população que constitui essa região, a mesma coisa se vê também em outras regiões do país.

Significado: Não se envolver em algo ou não se envolver em algo que você mesmo criou.

A língua e a cultura estão interligadas, por esse motivo, não podemos pensar uma sem pensar na outra, ou seja, é uma relação na qual se estabelece um vínculo consistente, visto que não existe a cultura sem língua, porém a identidade se faz através da língua e da cultura. De acordo com Perini, citado por Cá (2017, p.11), “se existe a língua é porque a cultura também existe, porque nela incluem-se diferentes tipos de manifestações de base linguística, e também os rituais, as fórmulas para dizer as ‘coisas’ ou ‘objetos’, e essas manifestações são inteiramente marcadas por expressões linguísticas”.

De acordo com Carvalho (2016, p.15): “O conhecimento dessas unidades linguísticas ocorre de forma natural, no seio da família e da comunidade na qual se vive sem ser necessário um estudo sistematizado nas escolas para esse aprendizado”. o processo do ensino na Guiné-Bissau se dá através de língua portuguesa. No entanto, o guineense, mesmo não sendo uma língua do ensino, é uma língua de privilégio diante do português e das línguas étnicas, uma vez que é falada pela maioria da população. Dessa forma, Cá (2017, p.27) explica que a EIs, ao pertencer a “uma comunidade linguística e refletirem uma imagem de um determinado povo, suas significações, suas imagens são regionalizadas por um mundo real daquela comunidade linguística, embora algumas sejam meramente universais, com o mesmo sentido”.

Ainda, a escolha de fazer um estudo dos aspectos culturais, os traços semânticos e das equivalências do idiomatismo no Guineense e no Português Brasileiro constitui um objeto de estudo significativo para área da linguística aplicada e, também, para a compreensão de um povo e da sua cultura. Referente à relação entre as EIs das línguas em estudo, existe uma carência referente aos estudos teóricos que estudam tais expressões nas duas línguas, sobretudo na língua Guineense. Como diz CÁ (2017, p.09) “não existe quase nenhum estudo que se dedique somente às expressões idiomáticas, mas, sim, dos provérbios, que também, por sua vez, são pouquíssimos estudados e interpretados”, como exemplo, temos a obra intitulada “Provérbios crioulos da Guiné- Bissau” (1996), do professor Honório Hildo do Couto.

Portanto, acreditamos que a realização desta pesquisa irá contribuir para uma abertura dos novos caminhos na área da linguística, sobretudo linguística aplicada, e também contribuirá numa análise desses aspectos que caracterizam o idiomatismo dessas línguas, no fortalecimento dos aspectos culturais, assim como nos traços semânticos,

como também propiciar para os falantes dessas línguas o aumento do conhecimento das expressões idiomáticas, pois faz parte do patrimônio linguístico e cultural desses povos.

Temos, portanto, como objetivo, analisar os aspectos culturais e semânticos que caracterizam as expressões idiomáticas nas línguas Guineense e Português Brasileiro⁴. Para tanto, este trabalho está dividido da seguinte forma: após esta introdução, fundamentamos nossa pesquisa, dividindo-se em dois tópicos nos quais discutimos acerca das expressões idiomáticas e o conceito de cultura. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. Seguimos com a análise e discussão dos dados, seguida das considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Expressões idiomáticas

A Linguagem é o conjunto de unidades que estão interligadas, através da qual comunicamos ideias e sentimentos, isto é, por meio da fala, da escrita ou de signos linguísticos que, conforme o contexto sociocultural que o indivíduo está inserido, podem ser formais ou informais. A linguagem reflete as crenças, as práticas sociais dos seus falantes, ideia ou pensamento. Em outra perspectiva, os falantes de uma determinada língua não expressam apenas suas experiências ou capacidades linguísticas, mas criam também experiências através da linguagem. Uma vez que, a língua expressa uma realidade cultural.

Para falar das expressões idiomáticas, primeiramente temos que destacar a unidade fraseológica ou Frasema. Budny (2017) define como expressões metafóricas integrantes da cultura e que expressam aspectos peculiares da comunicação, com variedade própria da conversa dos falantes daquelas línguas. Entre estas expressões metafóricas, destacamos as expressões idiomáticas (EIs), que são expressões compostas por duas ou mais palavras que apresentam idiomaticidade, estabilidade e convencionalidade de uso em uma determinada língua.

Dentre as características atribuídas às EIs, a idiomaticidade sinaliza a relação que existe na discordância dos significados internos ou figurados e externos ou literal das

⁴ Utilizamos português brasileiro como um termo genérico para se referir às expressões analisadas e que são utilizadas no Brasil. No entanto, considerando as variações das expressões no país, vale destacar que as expressões em análise são utilizadas no contexto cearense no qual a pesquisa foi realizada.

expressões idiomáticas. Cunha (2012, p. 07) designa como características semânticas de algumas construções linguísticas complexas, da qual o significado não é absorvido através da soma dos componentes internos que constituem as expressões.

Segundo CÁ (2017, p.26), as EIs possuem algumas características muito particulares que as diferenciam de simples junções de palavras, por exemplo, *da ku pó* (Dar com pau), *abo e ka liti* (você não é leite) *muntrus na klaru* (Mentiroso irá aclarar) são expressões que não pode mudar as palavras dessas construções por outras que tenham sentido aproximado ou trocar de lugar, sem ocorrer perda do significado.

Com relação à estabilidade, Cunha (2012) explica que a estabilidade na expressão idiomática é uma das características mais relevantes e determinantes das EIs, embora não seja por si só suficiente para definir uma unidade fraseológica como uma expressão idiomática. Segundo Xatara (1998, 151), o uso das EIs pelos falantes é que as consagram:

E a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, ou seja, é a sua consagração pela tradição cultural que cristaliza em um idioma, tornando-o mais estável em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificação. (Xatara, 1998 p.151)

Podemos perceber que algumas expressões idiomáticas no guineense perdem ou sofrem mudanças na ordem semântica ou sintáticas sem prejuízos aos seus significados. De acordo com Nogueira (2008), não podemos considerar as expressões idiomáticas como unidades totalmente fixas, visto que algumas EIs sofrem alterações com o decorrer do tempo. Para Zuluaga (1980), mesmo com diferenças nas composições, algumas EIs carregam o mesmo significado, sendo, portanto, sinônimas. Por exemplo:

1. *N'tirau bariti. / N'tirau tchapeu*
2. *Kume yagu. / Mama moku. / Suta yagu.*
3. *Laba ropa sussu. / Ropa sussu ta labadu na kasa.*
4. *Vira caceti. / Muda discu.*

Carvalho (2016, p. 52) acrescenta que quando "as alterações de significado acontecem, mesmo que seja pequena a alteração, ocorre caso de variação, ou seja, modificação das unidades fraseológicas." Partindo desta afirmação, as expressões diferentes, bem como expressões regionais ou socioculturais também são consideradas como variação em sentido amplo pelos autores. Essa mudança de variação linguística, ou

variação fraseológica, acontece muitas das vezes por causa dos diversos fatores como: avanço tecnológico, diferenças de grupos etários, de região, de status socioeconômico, situação de comunicação etc. Muitos desses termos ou novos vocabulários são incorporados a essas expressões devido a fatores mencionados, e não só. Como diz Carvalho (2016, p.56).

As variações podem mudar pelo fato de passagem de tais expressões ocorrerem de forma oral, de boca a boca, de geração a geração. Devido a isso, podem acontecer adaptações na forma utilizada em diferentes regiões, o que não contribui para um novo significado, mas para aceitação de diferentes formas de dizer as mesmas expressões.

Segundo Cunha (2012), a expressão conhecida e utilizada, ou seja, possui um lugar garantido no inventário lexical de uma comunidade linguística, pode ser denominada como expressão convencionalizada. No campo semântico, compreende as expressões cujos significados estão totalmente afastados dos significados que os mesmos elementos constituem fora das expressões. Em outras palavras refere-se aos sentidos que essas expressões podem ter quando são utilizados em diferentes contextos, ou seja, vários sentidos que uma só expressões pode ter em diferentes contextos que é colocado.

Segundo Carvalho e Pontes (2013), essa é a categoria que mais reúne as características das unidades fraseológicas. Neste sentido Alvarez afirma que:

As expressões idiomáticas são consideradas como uma das manifestações mais relevantes das potencialidades criadoras de uma língua como o demonstra eloquentemente a riqueza das suas imagens, originalidade das suas metáforas e a variedade e maleabilidade das suas formas estruturais. Tais expressões são reveladoras da capacidade imaginativa com que o povo e escritores sabem explorar essas virtualidades da língua. Cristalizam-se nelas enraizadas experiências históricas e refletem-se nelas valores morais e atitudes sociais. (ALVAREZ,2007, p.3)

A utilização de expressões idiomáticas no nosso cotidiano não está relacionada apenas com os assuntos específicos da vida de um ser humano, nem de um grupo específico. Elas são elementos importantes para a comunicação informal, na fala assim como na escrita de um determinado povo. Ainda assim, de acordo com Carvalho (2014, p. 168) "são expressões universais visto que todas as línguas naturais fazem uso delas. No entanto, cada sociedade apresenta um conjunto de expressões que são criadas e utilizadas de acordo com suas visões de mundo e suas manifestações culturais."

Portanto, o estudo das EIs é importante para o crescimento ou desenvolvimento na área da linguística aplicada, como também estudos voltados aos vocábulos quanto ao seu significado, estudos voltados à elaboração de dicionários, vocabulários e a relação entre língua e sociedade determinando, assim, as relações sociais e culturais existentes na sociedade.

Carvalho e Pontes (2013) afirmam que a EIs tem uma base metafórica que se aproxima dos costumes e das crenças da sociedade no qual elas se inserem. Com isso, é fundamental que os falantes dessas línguas compartilhem as mesmas culturas e costumes para que os significados sejam entendidos. Alvarez (2007) ainda fala que as expressões idiomáticas e os seus recursos linguísticos constituem um meio de relevância para comunicação, transmitindo os significados de forma mais expressiva, uma vez que surgem através da criatividade popular e são o resultado de um processo metafórico da criação.

Isto posto, as Expressões idiomáticas no Guineense têm traços próprios, diferentes em sua estrutura, uma vez que os termos utilizados são adotados pelo léxico de uma outra língua, no decorrer dos processos naturais de evolução linguística, obteve seu sentido semântico consolidado de forma a serem vistas como "unidades lexicais livres". CÁ (2017, p. 27) argumenta que isso constitui na individualização do seu léxico, dada pela comunidade linguística a que pertence. Assim, são particularidades que caracterizam um povo e representam a cultura partilhada por ele.

Partindo, então, da relação estabelecida entre as expressões idiomáticas e a cultura compartilhada dos falantes que a utilizam, no tópico seguinte, abordaremos acerca da relação língua-cultura.

2.2 Língua-Cultura

A língua e a cultura têm uma relação intrínseca, em outras palavras, a língua não existe sem a cultura assim com a cultura sem a língua. As duas concepções estão inter-relacionadas, uma vez que não se pode falar em conhecimentos, ideias e crenças, sem levar em conta a sociedade à qual se referem. Na concepção da CÁ (2017, p.11), se existe a língua é porque a cultura também existe, porque nela incluem-se diferentes tipos de manifestações de base linguística. Segundo Perini (2010, p.2), a língua é uma das realizações históricas da capacidade humana para a linguagem.

O autor ainda fala que entre a língua e cultura tem um vínculo, pois a cultura inclui manifestações de base linguística de forma oral e escrita, as manifestações e rituais para diversas ocasiões da vida (nascimento, funeral, casamento etc.). Todas essas expressões são marcadas por expressões linguísticas especiais. Com essa afirmação, entendemos que a cultura é uma herança sociocultural que retrata características típicas de um determinado grupo social, onde os meios são transmitidos através dos antepassados.

Como enfatizou Ribeiro (1972, p. 127), a cultura é como uma herança social de uma comunidade, representada pelos usuários dessas culturas e que são transmitidos tradicionalmente por meio da expressão na comunidade de geração a geração. Assim, esses recursos linguísticos, as EIs, que são transmitidos de forma oral, assim como escrita, com passar de cada geração ganham um novo significado conotativo quando são aplicadas em ambientes e situações específicas. Exemplo “abandonar o barco” *desistir*, *abandonar algo para trás*.

Laraia (2001, p. 24) fala que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. Geertz (2008), por sua vez, argumenta que a cultura é mutável e autossuficiente, com suas características e funcionamento próprio, na qual se adapta de acordo com conhecimentos das quais as pessoas fazem suas significações.

A oralidade possui função significativa para a cultura, principalmente na cultura africana. Os conhecimentos passados pelos nossos ancestrais eram transmitidos de forma oral, até nos dias atuais, essa herança do conhecimento perdura. Como afirma Hampaté Bâ, "não podemos falar da história da África sem referir-nos à tradição oral".

Bâ (2010, p. 167) ainda ensina que, para ter um conhecimento mais aprofundado na história e espírito dos povos africanos, será fundamental levar em conta as heranças de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidas de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Portanto, as EIs das línguas Guineense e Portuguesa, são passadas pelos antepassados, de geração a geração, e isso faz com que as EIs sejam vistas como elementos linguísticos de pouco valor pelo teor informal e popular que carregam. Isso fica ainda mais evidente quando se trata de uma língua que não possui status de oficialidade e nem escrita padronizada como o guineense.

Todas essas semelhanças formam uma identidade cultural de um povo, pois através deles conseguimos distinguir as diferenças culturais de cada grupo social. Hall (2006) ressalta que a identidade surge de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais,

linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Assim, é também através das expressões linguísticas que utilizamos que nos identificamos como pertencentes a determinado grupo.

Por fim, língua e cultura são a base que compõem a cultura identitária dos diferentes povos. Uma vez que essas características identitárias estão interligadas ao comportamento cotidiano das diferentes comunidades linguísticas. Por isso, é importante que essas expressões idiomáticas sejam vistas como uma construção linguística que pode trazer o aumento no léxico e, também, proporcionar para os falantes a compreensão de forma mais profunda e detalhada com relação aos significados das EIs nessas línguas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos culturais e semânticos que caracterizam as expressões idiomáticas nas línguas Guineense e Português Brasileiro. Para este fim, adotamos o método descritivo e explicativo, pois, de acordo com Triviños (1987, p. 110), “o estudo descritivo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”, de forma que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas a ela relacionados.

A pesquisa explicativa, para Gil (1999), tem como objetivo básico a identificação dos aspectos que estabelecem ou que colaborem para a acontecimento de um fenômeno. É o tipo de pesquisa que mais detalha o conhecimento da realidade, porque tenta explicar a razão e as relações de que não constituem uma unidade semântica de sentido.

Por fim, não menos importante, queremos ainda destacar o método bibliográfico como um dos métodos escolhidos para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois dialogamos com os autores que se encaminham nessa área de pesquisa como também autores que já abordam a questão das expressões idiomáticas.

Para atender o objetivo da nossa pesquisa, elencamos expressões idiomáticas de diversas fontes utilizadas em Guineense e em Português na variedade brasileira. Levamos as expressões pré-selecionadas para validação através da aplicação de questionários a estudantes guineenses e brasileiros no qual estes indicaram conhecimento ou desconhecimento da expressão e o significado daquelas que afirmaram conhecer.

Após a validação das expressões por parte dos estudantes, selecionamos aquelas que apresentaram equivalência semântica nas duas línguas, 12 expressões, para proceder à análise dos aspectos semânticos e culturais relacionados à escolha lexical, composição e variação das expressões. A seguir, apresentamos a análise realizada.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os aspectos culturais e semânticos que caracterizam as expressões idiomáticas nas línguas Guineense (crioulo) e Português brasileiro. Após aplicação dos questionários, selecionamos as expressões que possuem equivalentes nas duas línguas para análise dos aspectos culturais e semânticos perceptíveis a partir da composição das expressões. A seguir, apresentamos as expressões que serão foco de nossa análise.

Tabela 1 - Expressões idiomáticas com equivalência semântica no guineense e no português brasileiro

Expressões Idiomáticas no guineense	Expressões idiomáticas no Português Brasileiro	Significado literal traduzido do guineense	Significado Conotativo
<i>kebra kudjer</i>	Bater as botas	Quebrar colher	É quando alguém morre ou Perde a vida
<i>Pega vela</i>	Segurar vela	Segurar vela	Ficar na companhia de duas pessoas que namoram, bancar o cupido.
<i>Amigu di onça</i>	Amigo da Onça	Amigo de onça	Pessoa falsa e perigosa, que te apunhala pelas costas, traiçoeiro e mau.
<i>Tira kabalú na tchuba</i>	Tirar o cavalinho da chuva	Tirar cavalo na chuva	Não persistir em algo, deixar de ter a esperança onde não terá resultado nenhum.
<i>Na laba mon n'sai</i>	Lavar as mãos	Lavar as mãos e sair	Se abster duma situação (conflito)
<i>Mama moku</i>	entornar o caneco	Mamar moku ⁵	Consumir álcool até

⁵ Não há uma tradução em português para a palavra “moku”. Ela pode ser entendida no contexto Guineense, mas ao tentar traduzir perderá seu sentido literal. Fazendo uma tentativa, poderia ser interpretada por cerveja ou qualquer outra bebida alcoólica.

			ficar embriagado bêbado.
<i>Tapa céu ku mon</i>	Tapar o sol com a peneira	Tapar o céu com mão	Tentar mentir ou justificar uma ação injustificável, principalmente quando os fatos são reais e verdadeiros.
<i>N'guli pis pa rabu</i>	Engolir sapo	Engolir peixe pelo rabu	Manter silêncio enquanto você está sofrendo ofensas das pessoas, ficar conformado/a diante de uma situação não boa sem nenhuma reação.
<i>S'ta ku flema na korson</i>	Estar com dor de cotovelo	Estar com flema no coração	Estar com coração partido
<i>Ropa sussu ta labadu na kasa</i>	Roupa suja se lava em casa	Roupa suja se lava em casa	Resolver os problemas em particular
<i>Vira caceti/ muda discu</i>	Virar o disco	Mudar cacete	Mudar da posição ou idéia/assunto
<i>Karga Urdumunhu</i>	Procurar sarna para se coçar	Carregar redemoinho	Refere-se a pessoa que gosta de confusão/briga

Fonte: elaborado pela autora

Alvarez (2007) definiu a expressão idiomática como uma das manifestações mais pertinentes da capacidade criadora de uma língua e que demonstra um valor significativo, a riqueza dos seus sentidos, originalidade das suas metáforas, a variedade e a versatilidade das suas formas estruturais. Conforme apresentamos no tópico teórico, uma das características das EIs é o fato de se apresentarem de forma fixa. Percebemos que as EIs elencadas no quadro anterior apresentam essa fixação em sua estrutura, além disso os elementos que compõem as expressões não podem ser substituídos por outras palavras: Podemos dizer que Ana *kebra kudjer*, porém ao trocar essa palavra “kudjer” pela palavra “garfu” essa expressão perderá o sentido e essa quebra será imediatamente percebida pelo falante que conhece a expressão.

A expressão equivalente no português brasileiro é “bater as botas” e significa quando alguém morre, perde a vida. Diferente das outras expressões, reparamos que essas são compostas por elementos totalmente diferentes uma da outra, porém, o significado é

igual. Isto é, o significado é semelhante e pode ser substituído de acordo com o contexto no qual está sendo inserida. No entanto, um falante do Guineense que não domine o Português Brasileiro pode não compreender *bater as botas*, assim como um falante que não domina o guineense não entenderá *kebra cudjer*.

Ainda em relação às EIs, notamos que o sentido literal é ilógico, e não serve para uma compreensão mais adequada ao contexto das expressões. Por exemplo, em guineense utiliza-se a expressão *abo e ka lite*, cuja tradução literal é "você não é leite". Se afirmamos que *Ana e ka lite*, não estamos nos referindo a *Ana* como um líquido branco, mas como uma pessoa que tem feito algo excepcional e digno de admiração.

A escolha do leite enquanto elemento de prestígio pode ser explicada por ser este um alimento que não é acessível a toda a população guineense. No entanto, a negação na expressão "você não é leite" nos remete a uma interpretação no que se refere à textura líquida, ou seja, a capacidade de dissolver-se, derramar-se, caracterizando aquilo que não se dissolve como algo forte e digno de prestígio. O sentido da expressão depende do contexto que vai ser utilizada ou aplicada dentro dos elementos que influenciam a comunicação em uma comunidade que compartilha desse conhecimento, portanto seu significado está para além das interpretações das palavras que as constituem.

A construção semântica do idiomatismo possui algumas características que diferenciam de uma simples junção de palavras, pois não será possível substituir uma das palavras dessas construções que lhe seja sinônimo ou mudar de posição, sem ter a perda do seu significado, assim como a não literalidade destas expressões. Por exemplo, a expressão "*N`guli pis pa rabu*", tem o valor semântico de suportar uma humilhação de algo que se causou ou provocou. Todavia, sua compreensão não será no sentido de pegar o peixe e ingerir pelo rabo, assim como não se pode substituir a palavra peixe por outro alimento ou animal. A expressão no Guineense não pode ser substituída pela utilizada no Português Brasileiro "*engolir sapo*", não faria sentido na língua Guineense.

Apesar de que as EIs não permitam a alteração de seus componentes, elas possibilitam a incorporação de elementos entre as lexias, permitindo também variação de gênero e número no PB: *Engolir o sapo ou engolir muito sapo*.

Sobre o elemento *sapo*, Câmara Cascudo (2002), em Dicionário do Folclore Brasileiro, discute sobre a representação do sapo e de como este era indispensável nas bruxarias. Acreditava-se ainda que existia uma pedra na cabeça dos anfíbios eficaz nos sortilégios. Em outras palavras, além de gosmento, os bichos eram associados às forças

ocultas. Por esse motivo a expressão surgiu, de acordo com esse autor, por ser algo intragável.

Acerca da expressão “Nguli pis pa rabu”, no Guineense, não encontramos uma explicação etimológica devido ao pouco estudo dessa temática sobre a referida língua. No entanto, acreditamos que a escolha do elemento *peixe* foi motivada pelo fato de ser este um dos mais importantes alimentos na gastronomia guineense. É um dos alimentos mais consumidos na Guiné-Bissau, portanto, quase todos os guineenses conhecem. Outro fato é que as barbatanas dos peixes se abrem para trás, ou seja, elas estão direcionadas para frente, o que torna quase impossível engolir o peixe pelo rabo, já que provocaria mais danos a quem tentasse engolir.

Essa expressão "Nguli pis pa rabu" é uma expressão que demonstra a ideia de algo inconcebível e desagradável. Embora formadas por elementos distintos, ambas as expressões denotam o mesmo valor, demonstra a submissão diante de uma determinada situação que é marcada, linguisticamente, pelo ato de comer/engolir/ingerir algo intragável e que pode machucar quem consome.

A descrição das expressões idiomáticas em estudo nos possibilita a compreensão dos sentidos significativos não literais, com base do léxico dessas línguas, considerando que as expressões representam a cultura do povo que as utiliza. No Guineense “amigu di onça” e no Português Brasileiro “amigo da onça” possuem o mesmo valor semântico “amigo falso”, um ser que se mostra amigo, e ao mesmo tempo, uma pessoa não confiável, pois é uma pessoa falsa que coloca amizades em perigo.

Com a expressão *amigo da onça*, percebe-se que a língua não é estática, ela abrange a cultura e a identidade, além de fatos históricos, ainda que se apresentem em lugares distantes geograficamente. Expressões semelhantes e formadas com os mesmos elementos nos leva a entender as EI também como heranças históricas, pois embora distantes geograficamente, Guiné-Bissau e Brasil fazem uso de expressões idênticas que podem ter origem do colonizador comum, Portugal. Do mesmo modo temos as expressões “*Tirar o cavalinho na chuva*” e “*tira kabalú na tchuba*”, que apresentam o mesmo valor semântico e convencional nas duas comunidades linguísticas e com mesmos padrões em comum.

Quanto à escolha do elemento “cavalo”, podemos relacionar ao uso que se fazia, ou se faz, do animal, usado como transporte para cargas e pessoas, sendo de grande importância nas sociedades. A expressão significa “não persistir em algo”, “deixar de ter a esperança onde não terá resultado nenhum”. Entretanto, no guineense não se usa o

diminutivo “cavalinho”, mas “kbalu”, sem ter esse redutor do termo de coisa pequena, como vimos no português brasileiro.

A expressão “pega vela”, no Brasil “segurar vela”, “ficar na companhia de duas pessoas que namoram, acompanhar um casal”. As duas expressões representam o mesmo valor semântico, contudo, seu significado real não será entendido no sentido de “segurar vela” como uma peça de cera feita para iluminar. A palavra “vela” dentro dessa expressão transmite o sentido de vigiar ou espionar duas pessoas que estão em um encontro romântico. Villas (2012) aponta que vela se refere às pessoas que eram designadas a acompanhar casais de namorados que saíam juntos. Ainda assim, “pegar vela” e “segurar vela” possuem a mesma raiz como também a mesma origem, embora apresentem variação no verbo que introduz a expressão.

Seguindo, temos a expressão “roupa suja se lava em casa”, no guineense “ropa süssu ta labadu na kasa” com o sentido de resolver os problemas em particular. Neste caso, “casa” como um lugar de resolver os conflitos familiares, não no sentido de pegar a roupa para lavar em “casa”. Roupa suja, nesse caso, é entendida como uma discussão, treta ou problema para ser resolvida em particular. No Português Brasileiro há a variação “lavar roupa suja”, na qual não se define onde, ou seja, neste caso a resolução do conflito pode acontecer em qualquer lugar, ainda que em público.

As expressões “*lavar a mãos*”, no Guineense *Na laba mon n’sai*”, no seu significado conotativo “Se abster duma situação (conflito)” ou seja, se ausentar/retirar de uma situação que pode tomar um rumo inesperado por sua causa. No Guineense, essa expressão tem um verbo no final “*n’sai*” (sair), ao contrário da expressão utilizada no Brasil. Dessa forma, não pode ser dita ou escrita sem o verbo no final ou introduzir um outro elemento que não seja o verbo “sair” no Guineense, pois não terá o mesmo sentido de quando utilizamos a expressão em seu valor conotativo, diferente da oração “*N’laba mon ku yagu*” (Eu lavo a mão com água), no seu sentido literal, já que não dá espaço para termos uma outra interpretação e, assim, perderá todo seu significado conotativo.

As expressões “*vira caceti*” e “*muda discu*”, equivalente a “*mudar o disco*” no Português Brasileiro, tem o significado conotativo de “*mudar de posição, conversa ou ideia*”. Nogueira (2008) afirma que não podemos considerar as expressões idiomáticas como unidades totalmente fixas, visto que algumas EIs sofrem alterações com o decorrer do tempo. No Guineense, antigamente, os mais velhos utilizavam “*caceti*” para se referir à mudança do assunto e, com passar do tempo e com novas tecnologias, tivemos uma

outra invenção para arquivar os dados “disco” e essa expressão perdeu logo a palavra que era atribuída antigamente e passa a ser utilizado o “discu”, isso fez a expressão ganhar uma outra forma sem perder o seu uso figurado ou metafórico da linguagem.

Essa mesma expressão, no Português do Brasil, permite variação diferente do Guineense. No Brasil pode-se dizer “*virar o disco*” ou “*mudar o disco*”, ao passo que na Guiné-Bissau a mudança da expressão aconteceu na própria peça. Ainda assim, mesmo com essa mudança diacrônica, “*vira caceti*” não perdeu sua autonomia na sociedade guineense, uma vez que é empregado no momento da comunicação até hoje para os mais velhos, assim como os jovens, mesmo tendo uma forma de proferir a mesma expressão.

“*Estar com dor de cotovelo*” equivale à expressão Guineense “*s'ta ku flema na korson*”, com valor semântico de “estar com coração partido, ciúme ou tristeza causada por uma decepção amorosa”. No Brasil, a expressão é associada ao cotovelo como um local de manifestação e destaque da dor. Em contrapartida ao termo utilizado no Guineense “*korson*”, referindo-se ao órgão muscular, já que é o coração é atribuído ao amor e seria ele a passar por essa dor causada pela emoção negativa de uma desilusão amorosa.

Diferentes das outras expressões analisadas a expressão “*karga urdumunho*” e “*procurar sarna para coçar*” têm uma grande diferença na grafia, mas com valores semânticos iguais. Referem-se à pessoa que gosta de confusão/briga, proporcionando uma interpretação que vai além da essência verdadeira das palavras que as caracterizam. Além disso, temos também a expressão “*mama moku*” e “*entornar o caneco*”, que são desiguais na escrita e apresentam o mesmo significado, e são utilizados para os falantes nativos dos dois países no sentido de “consumir bebida alcoólica até ficar embriagado/bêbado”. Percebemos, portanto, diferentes elementos e ideias convencionadas para referir-se a um mesmo valor semântico, pois são línguas diferentes utilizadas por povo diferentes.

A expressão “*tapa céu ku mon*” e “*tapar o sol com a peneira*”, com o significado de “tentar mentir ou justificar uma ação injustificável, principalmente quando os fatos são reais e verdadeiros”, têm o mesmo o mesmo valor semântico, porém os elementos “*mon*” e “*peneira*” demonstram escolhas lexicais motivadas pelas experiências dos falantes. Por que o uso de mão no guineense e não peneira? Afinal, sabemos que a mão, assim como a peneira, tem um tamanho pequeno em frente ao tamanho da imensidão do sol, mas as vivências cotidianas das duas comunidades frente à situação são diferentes, bem como a escolha dos elementos que transmitem essas vivências.

Na análise apresentada, percebemos que as EIs apresentam equivalência em termos semânticos nas duas línguas, embora possam apresentar possíveis mudanças relacionadas à escrita. Mesmo assim, o entendimento do seu sentido sujeita-se à cultura e compreensão da comunidade linguística na qual a expressão está inserida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos aspectos culturais na língua Guineense e no Português Brasileiro, objetivaram o ponto central da nossa pesquisa, na qual constitui objeto importante os aspectos culturais, os traços semânticos e as equivalências no idiomatismo guineense e no português brasileiro. A análise nos permitiu compreender as escolhas e a sua construção no âmbito cultural, assim como linguístico, acerca do uso que se faz das expressões idiomáticas nas duas línguas em questão.

Com base na análise, constatamos que há muitas semelhanças semânticas nas EIs utilizadas nas línguas Guineense e Português Brasileiro como no caso das expressões *pega vela /segurar vela, amigu di onça/ amigo da onça, tapa céu ku mon / tapar o céu com a peneira, Vira caceti/virar o disco, N'guli pis pa rabu/ engolir o sapo, tirar o cavalinho da chuva/ tira kabalú na tchuba, Ropa sussu ta labado na kasa/Lavar roupa suja*.

Embora as expressões apresentem significados equivalentes, diferem-se na escrita e na escolha dos elementos da composição. Como tem também expressões na língua Guineense e Português Brasileiro que só fazem sentido dentro de seu contexto, quando essas expressões estão sendo usadas no momento da comunicação. Percebemos que os significados, assim como as palavras que as compõem, podem sofrer alterações e adaptações com o tempo, como no caso de “*vira caceti*” que passou a ser usada “*muda discu*”.

A escolha dos elementos que constituem as expressões muitas vezes vai além dos elementos gramaticais, constatou-se que vários fenômenos sociais que influenciam a comunidade linguística, e isso vai contribuir na perda de elementos que anteriormente eram utilizados. Posto isto, percebe-se que a língua é um conjunto de elementos que interliga-se ao seu meio social, a qual está a todo momento em construção e objetivando em concordância com novos padrões ou regras da comunidade linguística.

Dessa forma, viu-se uma forte influência externa no EI, ou seja, uma carga cultural muito significativa, especialmente por questões históricas. Isso porque teve essa

influência de Portugal como sendo a nação colonizadora. Por exemplo, a expressão “*tira kabalú na tchuba*”. Com essa EIs observou-se, nas palavras utilizadas uma certa semelhança com a língua original (português de Portugal), havendo apenas o uso das palavras no Guineense, a exemplo de *kabalú/ cavalo*, *tchuba/ chuva*, há variação quando está sendo aplicado para os Guineenses, mas mantendo sempre uma equivalência precisa com o original.

Em suma, as EIs são pequenas frases cujo significado ultrapassa a soma do seu significado. Portanto, é importante que os falantes dessas comunidades linguísticas tenham uma aproximação em termos da compreensão dessas atividades sociais pela qual a língua é colocada em funcionamento. No entanto, esperamos que essa pesquisa contribua no sentido dos falantes dessas línguas (Guineense e PB) tenham o conhecimento não somente do seu significado, mas, também das motivações culturais das EIs, pois ajudaria na compreensão das suas composições e da sua evolução ao longo da história.

Entendemos que esta pesquisa apresenta limitações. Como pesquisas futuras, faz-se necessário expandir o corpus de análise a partir de dados utilizados na fala, de forma espontânea, como aplicar questionários para estudantes Guineenses e Brasileiros dos diferentes cursos da UNILAB, analisar as dificuldades de compreensão, por exemplo. Na língua Guineense, existem várias lacunas para serem preenchidas a respeito desse tema e expectamos que isso seja benéfico para estudos posteriores, instigando ainda mais trabalhos para essa área da linguística aplicada.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. As expressões idiomáticas nas aulas de ele: um bicho de sete cabeças?. *Les expressions figées en didactique des langues étrangères*. 1 Proximités **E.M.E**, 2007, v. 1, p. 159-179. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017.140209.3813>. Acesso em: 04 out. 2022.

BÂ, A. Hampâté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2.ed.rev. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 8.

BUDNY, R. As unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários bilíngues escolares (português-inglês) e a questão das equivalências. **Alfa**, São Paulo, v.61, n.2, p.409-423, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1709-7>. Acesso em: 26 out. 2022.

CÁ, Libânia Fernandes. **Estudo de unidades fraseológicas no Guineense**. Xxf. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso De Letras-Língua Portuguesa- Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017. Disponível: repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2201. Acesso em: 16 jul. 2022.

CARVALHO, G. L.; PONTES, A. L. Elementos culturais em verbetes de dicionário: as expressões idiomáticas. **Revista de Letras**, n. 32, v. 1, jan/jun, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/13057>. Acesso em: 07 ago. 2022.

CARVALHO, Gislene Lima. **Expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa**. XXf. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)- Universidade Estadual do Ceará, . Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=86754>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

CUNHA, A. L.; FERRAZ, A. P. **Expressões idiomáticas: da linguagem publicitária para a sala de aula**. 2012. (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos)- Universidade Federal de Minas Gerais, . Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-8UBNJJN>. Acesso em: 15 nov. 2022 .

GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CUNHA, Maria Jandyra; SANTOS, Percília. **Tópicos em português língua estrangeira**. Brasília: UnB, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

JORGE, Guilhermina. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. **Polifonia**, Lisboa: Edições Colibri, n..4, p. 215-222, 2001.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos. A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros. Brasília, XXf. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8866>. Acesso em: 20 nov. 2022.

RIBEIRO, Darcy. **Antropología, teoría social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. (Brasil – Teoria do Brasil, 1).

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987, 110p.

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e linguística: uma entrevista com Mário A.Perini. **Revel**, v.8, n.14, 2010. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 13 nov. 2022.

VILLAS, Alberto. **Pequeno dicionário brasileiro da língua morta**: palavras que sumiram do mapa. São Paulo: Globo, 2012.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, v. 42, número especial, p. 147-159, 1998.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt am Main: Peter D.Lang, 1980